

Monte do Bolor 3 - São Brissos, Beja:

Resultados Preliminares

Susana Borges, Rosa Salvador Mateos, José António Pereira e Bruno Silva¹

RESUMO:

As várias intervenções realizadas no sítio Monte do Bolor 3 no âmbito da aplicação das medidas de minimização decorrentes do projecto de Troço de Ligação Pisão-Beja promovido pela EDIA, S.A, permitiram identificar um vasto conjunto de vestígios que remetem para uma ocupação com alguma diacronia

desde o Calcolítico ao período Romano.

Pretende-se com este trabalho apresentar uma primeira leitura global do tipo de ocupação do sítio que constitui mais um testemunho das estratégias de povoamento nas margens da Ribeira do Álamo.

ABSTRACT:

The various interventions on the site of Monte Mold 3 in the implementation of mitigation measures arising from the project Trunk Link Piso-sponsored by the Beja EDIA, SA identified a large number of traces that lead to an occupation with some diachrony since the Chalcolithic to the Roman period.

The aim of this work to present a first reading of the type of occupation of the site is a further testimony of the strategies of settlement on the banks of the Álamo.

1. IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

O sítio Monte do Bolor 3 foi identificado na sequência de trabalhos de prospecção realizados em fase de Estudo de Impacte Ambiental, no âmbito da minimização de impactes sobre o Património Cultural do Sistema

Global de Rega e Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva: Troço de ligação Pisão-Beja, promovido pela empresa EDIA, S. A. Os trabalhos de prospecção permitiram identificar, no topo de um cabeço sobranceiro

¹ - Arqueólogos, NOVARQUEOLOGIA, LDA.,
sborges@novarqueologia.pt; rsmateos@novarqueologia.pt; bsilva@novarqueologia.pt; japereira@novarqueologia.pt;

à Ribeira do Álamo, vestígios superficiais do período romano (designadamente cerâmicas de uso comum e de construção) a par de outros cronologicamente mais recuados, bem como vestígios materiais (fragmentos cerâmicos), de cronologias mais recentes, dos períodos medieval e moderno.

Assim, no âmbito do mesmo projecto procederam-se a trabalhos de escavação arqueológica no sítio, limitados às áreas de afectação no mesmo pelo projecto com o objectivo de proceder a uma avaliação patrimonial e caracterização do sítio, os quais se distribuíram da seguinte forma: 1ª fase: sondagens de diagnóstico, na área do adutor e do Reservatório do Álamo, prévias à execução da obra - Novembro de 2009; 2ª fase:

intervenção em área na zona do adutor, prévia à execução da obra- Março/Julho 2010; 3ª fase: Decapagem integral do adutor e reservatório (no âmbito da obra) – Agosto 2010 e escavação manual dos contextos preservados (900 m2 de escavação – Setembro a Dezembro de 2011).

Resultantes dessas intervenções, que se restringiram à zona afectada pela obra foram identificadas e registadas algumas estruturas quer em negativo, quer em positivo, com funções diversas, e recolhido um interessante e avultado conjunto artefactual. A apresentação sucinta dos vestígios arqueológicos identificados e registados no Monte do Bolor 3, constituem o objecto deste trabalho.

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O sítio localiza-se na freguesia de São Brissos, concelho de Beja, num pequeno cabeço sobranceiro à Ribeira do Álamo, numa área predominantemente rural, ocupada por campos de cultivo a uma altitude de cerca de 180m.

Ocupa uma área topograficamente pouco acidentada mas onde é permitido o domínio da paisagem onde a terra é abundante e fértil de elevado potencial agrícola e próximo de vias de comunicação terrestre (via romana do Álamo, por exemplo) e fluvial e próxima, de uma rede hidrográfica de caudal reduzido.

Dadas as condições ecológicas, a actividade agrícola deveria ter um papel determinante na economia destas comunidades, contribuindo a proximidade da ribeira para a sua optimização e diversificação.

Por essa razão, a qualidade dos solos e a presença abundante de água provavelmente durante todo o ano, tornaram o sítio num espaço privilegiado de assentamento para as diversas comunidades humanas que aqui se

foram estabelecendo e reocupando sucessivamente o mesmo local.

Assim, a actividade agrícola era possível nestes solos, contribuindo a proximidade da ribeira para a sua produtividade proporcionando a sua localização alguma agricultura relativamente rentável, principalmente na zona aplanada com altitude inferior a 200 m.

Em termos geológicos repousam estes solos sobre formações do Mio-pliocénico que se sobrepõem a formações da Idade Paleozóica (Devónico Médio e Superior) que correspondem ao Complexo de Odivelas-Gabros de Beja. Estas formações localizam-se entre Mombeja e Trigaches e são constituídas por arenitos, calcários mais ou menos margosos, areias, cascalheiras e argilas. A rocha apresenta-se muito alterada e decomposta correspondendo ao designado “caliço”, um calcário esbranquiçado, por vezes de tonalidade acidentada e esverdeada, pulverolento ou concrecionado na posição horizontal.

3. TRABALHOS DE CAMPO

Os trabalhos realizados no sítio de Monte do Bolor 3 permitiram documentar uma intensa ocupação, confirmando deste modo, a informação obtida à superfície. Apesar dos dados agora avançados para o sítio, serem absolutamente preliminares, permitem determinar com alguma segurança uma extensa área de ocupação que abarca vários hectares.

Assim, estamos perante uma ocupação do sítio no

contexto do Baixo-Alentejo, na margem esquerda da Ribeira do Álamo, desde a Pré-história e intensificada no Período romano até à modernidade.

Efectivamente, grande parte dos vestígios registados correspondem ao período tardo-romano, sendo que os vestígios disponíveis não permitem determinar períodos ou momentos de expansão ou regressão nas estratégias de ocupação deste espaço.

Os pressupostos metodológicos que nortearam os trabalhos arqueológicos foram simplificados e flexibilizados, ou seja, em permanente adaptação às circunstâncias peculiares de cada fase de intervenção.

De uma maneira geral e como ponto de partida, procedeu-se à escavação mecânica, por camadas arqueológicas até à identificação de contextos selados

de relevante interesse arqueológico, os quais foram escavados manualmente até ao substrato geológico.

A metodologia da escavação adoptada fundamentou-se no registo proposto por Barker (BARKER: 1982), procedendo-se à remoção dos depósitos num processo inverso ao da sua formação, com a aplicação da leitura estratigráfica definida por Harris (HARRIS:1989).

3.1. 1ª FASE: SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS DE DIAGNÓSTICO (SECTORES N E S)

Os primeiros trabalhos realizados consistiram em sondagens arqueológicas mecânicas de diagnóstico, distribuídas ao longo das áreas directas de afectação do adutor e do Reservatório do Álamo, em fase prévia à execução da empreitada, implantadas estrategicamente justamente onde os vestígios à superfície ofereciam maior concentração de materiais arqueológicos.

Destas sondagens apenas em duas delas se identificaram vestígios de interesse arqueológico, nomeadamente na sondagem 1, onde surgiu parte de estrutura em negativo, com inclusão de espólio com cronologia nitidamente romana, e na sondagem 3, que ofereceu segmento de muro com características tipológicas enquadráveis igualmente naquele período, e

ainda parte de estrutura em negativo aberta no substrato local com inclusão de materiais cerâmicos de fabrico manual e um fragmento de lâmina em sílex.

Na sequência desta intervenção e dado que os vestígios expostos se encontravam truncados pelas limitações impostas pela dimensão das sondagens e atendendo ao seu evidente valor arqueológico foi considerado a pertinência de uma intervenção em área com o objectivo de se caracterizarem estas estruturas e /ou outras possivelmente identificáveis e consequentemente avaliar devidamente a sequência das ocupações detectadas e a diacronia das mesmas. Assim em Março de 2010 iniciou-se a 2ª fase dos trabalhos no local.

3.2. 2ª FASE: ESCAVAÇÃO EM ÁREA NA ZONA DO ADUTOR (SECTOR N)

O segundo momento da intervenção no sítio de Monte do Bolor 3 teve início com a decapagem mecânica do estrato de superfície até à identificação de vestígios conservados, os quais foram escavados manualmente.

A escavação contemplou cerca de 600 m² correspondendo a uma extensa área, abrangendo as sondagens 1 e 3, da I fase de intervenção do sítio (MBL3-09), localizadas no eixo do adutor, ocupando uma plataforma média nas imediações do topo do cabeço.

Estes trabalhos permitiram a definição das estruturas identificadas na Fase I e a identificação de outras estruturas de diferentes tipologias, desde estruturas positivas a estruturas em negativo favorecidas pela natureza do tipo de rocha de base alterada, muito branda (Fig3).

Em geral, sob o depósito de superfície constituído por terras arenosa de cor castanhas escuras, com raízes de vegetação rasteira, removido com recurso a meios mecânicos encontravam-se os muros, os derrubes destes, depósitos de enchimento de algumas

estruturas em negativo de cronologias diversas e depósitos de desenvolvimento horizontal aparentemente de cronologia pré-histórica (que variam entre coloração mais avermelhada que as terras superficiais e tonalidades mais claras de castanho). Estas realidades distintas sobrepunham-se e relacionavam-se entre si, apresentando diversas amplitudes cronológicas.

De referir, que se regista maior potência estratigráfica a SW e NE da área intervencionada o que parece relacionar-se com as características dos vestígios aí identificados: a Sudoeste/Oeste, depressão (estrutura em negativo), de contorno parcialmente indefinido uma vez que não foi escavada completamente, e a NE, uma depressão aberta no substrato aparentemente de formação natural, de profundidade irregular que acompanha o próprio comportamento topográfico do cabeço. Isto é, nesta zona de maior declive, resultante de uma descontinuidade topográfica ao nível do substrato, observa-se uma maior deposição de terras provenientes do topo do cabeço, o que se reflecte numa mistura de

espólios anacrónicos inerentes a este comportamento sedimentológico.

A 2ª fase de trabalhos arqueológicos no local, permitiu confirmar a continuidade para N da estrutura (muro) identificada na sondagem 1, articulada com outros segmentos de muros parcialmente destruídos mas configurando pequenos compartimentos rectangulares com cerca de 50 cm a um metro de largura na base dos quais sobrevivem, nalguns casos, vestígios de pavimentos (pavimento em tijoleiras de cerâmica e piso, obtido a partir de argila cozida com superfície mais ou menos alisada), (Figs 4, 5 e 6)

Também na zona da meia encosta, do lado NE sobre a Ribeira se identificaram muros de tipologia idêntica (Fig 7). Construídos em pedra seca, com enchimento constituído por terras e pedras de pequeno e médio calibre, dispostas de forma irregular, apresentam espessura média e faces bem definidas. Apesar de parcialmente destruídos e possuírem apenas uma fiada de pedra a partir de troços maiores de orientação sensivelmente N/S, desenvolvem-se outros perpendiculares, parecendo definir deste modo, pequenos compartimentos alongados. De facto, os alçados destas estruturas actualmente reduzidas a uma fiada de pedras seriam provavelmente conseguidos com a elevação de adobes ou taipa sobre a base de pedra seca, como é apontado para estruturas idênticas identificadas em diferentes contextos no Alentejo, e não só.

Aparentemente os três blocos de compartimentos localizados em áreas distintas da escavação não teriam relação física entre si, apesar de reconhecermos que os factores tafonómicos de destruição antrópica ou de ordem natural podem não ter agido da mesma forma sobre sítio e deste modo não se terem conservado estruturas idênticas no espaço que medeia estes segmentos de muro.

No entanto, destacamos a identificação de algumas destas estruturas no topo do cabeço, ocupando área aparentemente mais afectada por lavra prolongada e intensa.

Apesar dos muros localizados mais a Nordeste assentarem sobre depósito que sugere a sua construção numa fase relativamente tardia da ocupação romana, numa abordagem preliminar estes pequenos compartimentos de forma alongada podem ser interpretados provisoriamente como armazéns (por analogia com estruturas idênticas identificadas em

contextos da Idade do Ferro, como por exemplo em Fernão Vaz, Ourique). Na Malhada das Taliscas 4 foram também identificados compartimentos idênticos, um dos quais aparentemente relacionado com a armazenagem, atendendo à presença de ânforas no seu interior (Calado M, Mataloto R., Rocha A., 2007, 153)

Das estruturas tipo negativo identificadas, grande parte correspondem a Fossas tipo silo, escavadas na rocha e de cronologia romana. Estas fossas, apesar de apresentarem diferenças a nível morfológico, exibindo perfis distintos encontravam-se na sua maioria seladas com enorme quantidade de clastos e blocos de rocha bastante imbricados e cerâmica comum, sobretudo pertencente a grandes contentores. Sob este nível de colmatção, duas das fossas apresentavam-se preenchidas por *Dolium* inteiros, o que remete para a sua funcionalidade enquanto estruturas de armazenamento de excedentes de carácter agrícola (Figs 8 e 9).

De salientar ainda do conjunto das fossas, a nº 23, que encerrava um enterramento que ocupava o fundo desta sem quaisquer materiais directamente associados ao enterramento (Fig 10), e a nº 30 (Fig. 11), pela sua configuração algo atípica – fossa de perfil cónico, muito profunda sugerindo tratar-se de um poço/cisterna inutilizado, e que terá sido posteriormente reutilizado e selado.

Nesta fase identificámos isoladamente uma sepultura de inumação e ainda um enterramento. O esqueleto identificado no interior da sepultura, de cronologia tardo-romana corresponde a um indivíduo adulto em conexão anatómica revelando, no entanto, na parte abdominal, vestígios de ter sofrido enorme compressão *post mortem*, provavelmente resultado do derrube dos elementos que cobriam e revestiam a sepultura (*Imbrices*). A estruturação desta sepultura veio perturbar níveis mais antigos (Fig 12).

O Enterramento 1, Indivíduo 2 foi detectado a escassos 40 cm da superfície, sepultado sem qualquer estruturação (Fig 13). Tendo em conta, o facto de se tratar de um indivíduo com idade á morte dentro da 1ª infância, o contexto em que foi identificado, a ausência de estruturação e de ritualização parece-nos tratar-se de uma inumação do período tardo-romano ou medieval (?), possivelmente uma deposição fora do espaço sagrado (cemitério).

Para além das fossas identificaram-se ainda alguns valados (ou fossos?) que forneceram materiais da Idade do Bronze e da IIª Idade do Ferro, a par de

cerâmicas aparentemente de cronologia romana (Fig 14). Nada no conjunto artefactual parece apontar para uma efectiva demarcação no tempo, uma vez que os depósitos que os preenchem embalam materiais de cronologias distintas mas aproximadas. No entanto, o estudo mais aprofundado do espólio recuperado do seu interior poderá permitir esclarecer se efectivamente a incorporação nestes depósitos com espólio de cronologia distinta resulta de perturbações ou intrusões, ou se em contrapartida se poderão definir momentos distintos dentro do mesmo contexto.

Nalguns casos, os limites espaciais destes valados tornam-se muito fluidos, observando-se confluência das suas paredes para logo em seguida bifurcarem. Tal acontece, por exemplo, com os valados 4 e 5, cuja potência estratigráfica e largura vai-se reduzindo progressivamente para Norte onde confluem, bifurcando-se posteriormente desenvolvendo-se a partir daí de forma contígua. A redução gradual da largura e potência do valado coincide com desnível verificado no substrato, o que sugere uma apropriação natural destas cavidades antrópicas pelos fenómenos erosivos.

De cronologia mais recuada, atendendo ao conteúdo artefactual recuperado identificámos um forno de contorno sub-circular construído a partir da sucessão de várias camadas compostas alternadamente por fragmentos cerâmicos e níveis argilosos (Fig. 15). Os fragmentos cerâmicos constituíam a camada de preparação das superfícies mais lisas, funcionando como elementos refractários (Fig 16). Esta estrutura surge associada a um nível muito heterogéneo constituído por carvões, cinzas e argilas de cor amarelada e alaranjada que pode corresponder à área de acumulação de “lixos” aquando da limpeza do mesmo, se bem que no interior da estrutura não tenhamos detectado quaisquer vestígios de exposição ao fogo. Deste depósito heterogéneo recuperaram-se cerâmicas de pasta compacta de cor negra e superfície brunida. De destacar os fragmentos que apresentam as superfícies interna e externa brunidas com decoração metopada a negro sob pintura

geométrica (motivos cruciformes) a vermelho.

Destaque ainda para a identificação de duas estruturas de habitat tipo cabanas construídas provavelmente em materiais perecíveis (materiais leves como barro e ramos), como de resto é frequente (Figs 17 e 18). Recuperaram-se fragmentos de barro com negativos de ramadas do interior da cabana maior a par de numerosos fragmentos cerâmicos em conexão e elevada concentração de cinzas.

Nestes contextos os restos de macrofauna estão quase ausentes bem como os materiais líticos representados por algumas lascas de quartzo e lâmina em sílex. De realçar a identificação de concentração de cinzas sobre nível de base desta cabana que pode corresponder a estrutura de combustão, remetendo assim para uma vivência permanente e certamente de cozinha.

Os materiais daí recuperados integram-se perfeitamente nas tipologias já reconhecidas na região para o calcolítico médio, destacando-se os pratos de bordo almendrado.

O momento mais antigo detectado é ainda representado pela Fossa 2 e pela escavação de uma concavidade que criou um espaço que se prolonga para Oeste da área de intervenção, e que foi designada de Fossa 8 (Fig 19). A Fossa 2 apresenta planta semi-circular, perfil ovóide, fundo plano e cerca de 1,40 cm de diâmetro e destacando-se da Fossa 8 por esta apresentar dimensões mais generosas, apesar de não ser possível aferir a sua tipologia e largura por não ter sido escavada na totalidade, uma vez que excede o limite Oeste da área de intervenção. Aliás, o âmbito de observação restringe-se aos limites da própria escavação que, de algum modo, vieram condicionar a leitura espacial, em particular desse lado.

Apesar deste constrangimento, certo é que a Fossa 8 foi preenchida por depósitos que concentram grande quantidade de material arqueológico, especialmente cerâmico, tipicamente Calcolítico.

3.3. 3ª FASE: ESCAVAÇÃO DOS CONTEXTOS PRESERVADOS NA ÁREA DO RESERVATÓRIO DO ÁLAMO, SECTORES SUL, SUDOESTE E ESTE

A 3ª fase de intervenção realizada no sítio de Monte do Bolor 3 resultou da necessidade de implementação de medidas de minimização decorrentes do acompanhamento arqueológico da obra de construção

do Reservatório do Álamo.

Deste modo, com o objectivo de salvaguardar o potencial arqueológico da área em questão, impedindo a destruição sem registo dos vestígios detectados em

fase de obra, procedeu-se à escavação dos contextos identificados de forma a entender a sua natureza, tipologia e cronologia inserindo-os numa interpretação mais abrangente tendo em conta o conhecimento do sítio resultante das duas primeiras fases de intervenção arqueológica.

A área ocupada por estes vestígios foi dividida nos sectores Sul, Sudoeste e Este optando-se pelos mesmos procedimentos metodológicos utilizados nas fases precedentes.

A Sudoeste foi identificado um conjunto de sepulturas pertencentes a necrópole tardo-romana realizando-se o levantamento dos enterramentos bem como o seu estudo bio - antropológico especializado por um antropólogo.

Da necrópole fazem parte 13 sepulturas de planta sub-retangular, de ângulos e corte inferior arredondados conferindo-lhe um aspecto ovalado, paredes laterais ligeiramente inclinadas terminando em fundo plano. Apresentavam orientação NE-SO, e nalgumas observam-se paredes estruturadas com pedras, tegulae, pedras e tijolos e ainda com vestígios de cobertura em *tegulae* ou imbrices. Para além da inumação primária algumas apresentavam ainda ossário enquanto outras duas estavam desprovidas de restos osteológicos (Figs 20 e 21).

Para além da necrópole localizada no sector Sudoeste, a escavação contemplou cerca de 152 estruturas em negativo (entre fossas, valados e outras estruturas de planta sub-retangular) localizadas nos sectores Sul, Sudoeste e Este designadamente 41 estruturas tipo fossa, 34 estruturas tipo valado e 77 estruturas sub-retangulares.

Os trabalhos consistiram na escavação parcial dos valados que se estendiam e relacionavam entre si a Sul e Este da área já intervencionada. Uma vez que se tratavam de valados estreitos mas bastante longos, optou-se por intervir apenas na área em que confluíam com o objectivo de perceber a relação entre si e recuperar o espólio associado de forma a enquadrá-los cronologicamente, registando-se as respectivas secções, em fotografia e desenho (Fig. 22).

Em particular, estas estruturas parecem corresponder, pelo seu tamanho, profundidade e largura, a drenos relacionados com sistema de drenagem dos solos, essencial em contextos de ocupação agrícola do espaço como, parece ter sido o caso da ocupação do Sítio de Monte do Bolor 3. Correspondem, basicamente

a estruturas de desenvolvimento relativamente linear, pouco profundas, de paredes ligeiramente inclinadas, de perfil variável, fundo plano, côncavo ou convexo, preenchidas exclusivamente por um depósito de cor castanho-escuro ou avermelhado, argiloso, medianamente compacto. A orientação destes valados era igualmente variável.

Os valados 25 e 26 apresentam características algo distintas correspondendo a drenos estruturados com pedras dispostas lateralmente com outras maiores a servir de cobertura. Foram parcialmente desmontados não se recuperando do seu interior quaisquer materiais arqueológicos (Fig. 23).

No sector Sudoeste as estruturas identificadas foram escavadas na íntegra. Grande parte da Fossas identificadas correspondem a fossas tipo silo de perfis muito idênticos, sobretudo cilíndricos, sub-cilíndricos ou ovais, de fundo convexo, oferecendo espólio enquadrável no período tardo-romano.

De ressaltar do conjunto de fossas, as nº 57 e 55, de dimensões superiores à maioria das fossas identificadas, com planta, paredes e contorno irregulares, curiosamente associadas a outras mais pequenas, preenchidas por depósitos que incluíam materiais de fabrico manual e a torno da Idade do Ferro (Figs.24 e 25).

No sector Este destaca-se a escavação de estruturas em negativo de planta sub-retangular de ângulos arredondados e fraca potência estratigráfica, a que se associa o reduzido número de materiais arqueológicos e ausência de restos osteológicos (Figs.26 e 27). Apresentam idênticas dimensões e alguma regularidade na sua disposição, sugerindo alguma intencionalidade e funcionalidade bem definidas.

O espólio recuperado destas estruturas é exclusivamente cerâmico, de tamanho reduzido e de superfícies muito roladas o que dificulta a sua atribuição cronológico-cultural.

Tendo em conta as suas características genéricas, parecem tratar-se de estruturas relacionadas com o plantio de espécies arborícolas, em período romano ou posterior, possivelmente removidas na sua totalidade, em determinado momento, o que justifica a não pervivência de vestígios físicos associados.

4. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONJUNTO ARTEFACTUAL

Das diferentes fases de intervenção resultou a identificação de um conjunto artefactual maioritariamente composto por material cerâmico fragmentado, desprovido de decoração, salvo raras excepções.

Pesem, embora, as limitações inerentes a esta abordagem preliminar do sítio, parece-nos marcante a presença de espólio cerâmico tecnologicamente enquadrável nas produções de ocupação pré-histórica, proto-histórica e romana. Concretamente no que se refere ao espólio cerâmico, identificámos produções manuais da Idade do Cobre, da Idade do Bronze e fabricos a torno da Idade do Ferro e de cronologia romana.

Dentro dos fabricos manuais do Calcolítico destacam-se os pratos de bordo almendrado, taças de bordo espessado, pratos de bordo plano sem espessamento e vasos esféricos, frequentemente sem decoração, que à parte da necessidade de um estudo mais aprofundado, se podem integrar nas produções do III milénio a.C. da região (Fig 28). Neste grupo a cerâmica de carácter industrial é representada pelos elementos de tear, nomeadamente pelos crescentes de cerâmica providos de um furo em cada extremidade (Fig. 32-XIV).

Da Idade do Bronze recuperámos algumas peças inteiras de superfícies brunidas, algumas de fundo plano outras de forma esférica, com ou sem protuberâncias mamilares (Fig 29-IV). As taças carenadas, ainda que presentes, são escassas (Fig 29- V). De carácter de alguma forma excepcional, identificámos também alguns exemplares de cerâmica pintada de influência orientalizante tartéssica do estilo Carambolo ou Guadalquivir I (Fig. 29-VI e VII). Correspondem, estes exemplares, a pequenos fragmentos e não a vasos inteiros, de pasta negra ou acinzentada, de fractura recta e pouco granulosa, de paredes muito finas e brunidas sobre as quais foi aplicada pintura. Foram recuperados dos níveis exclusivamente associados ao forno e poderão pertencer a mais do que uma peça. Apesar do elevado grau de fragmentação destes exemplares cerâmicos o que dificulta uma leitura dos esquemas cromáticos e decorativos, de uma forma genérica, os motivos decorativos representados parecem estruturar-se em bandas que delimitam painéis compartimentados ocupados por temas decorativos geométricos mais complexos (motivos axedrezados, reticulados...).

Da Idade do Ferro destacam-se fragmentos de

cerâmica de fabrico a torno, de pastas homogéneas e muito bem depuradas com decoração estampilhada, incisa ou ainda sem decoração (Fig. 30-X e XI). Deste período e enquanto testemunhos da dinâmica orientalizante do Sudoeste Peninsular, reconhecemos ainda alguns fragmentos de cerâmica a torno, de cozedura oxidante, pintada com bandas tipo ibérica (Fig 30-IX). Integrando o espólio cerâmico da Idade do Ferro, destaca-se a recuperação de copo de superfícies interior e exterior muito polidas, fundo em pé de anel decorado com motivos incisos pontuado com pequenos mamilos (Fig 30-VIII).

Algumas das cerâmicas cinzentas finas polidas, maioritariamente pertencentes a taças esféricas de bordo arredondado podem, ainda que com reservas (dado o carácter preliminar da caracterização tipológica), incluir-se neste período.

Parece-nos que para a maioria do espólio cerâmico exumado e integrável neste período, pode ser apontada uma cronologia da II Idade do Ferro, talvez entre os séculos IV e III a.C. A este período parece também pertencer um cossoiro de forma cónica, obtido a partir de molde, desprovido de decoração (Fig 32-XVI).

O período romano é representado por fragmentos cerâmicos: a maioria não potenciando reconstrução de forma, mas aparentemente de cariz doméstico. Conseguimos, no entanto, para já, a reconstrução de um recipiente de fabrico a torno de pasta dura, depurada e homogénea de bordo esvasado, fundo plano, desprovido de decoração (Fig 31-XIII).

Deste período foram também recuperados, em vários contextos, inúmeros fragmentos pertencentes a grandes contentores de armazenamento, bem como escassos fragmentos de cerâmica de paredes finas, de cerâmica comum de uso doméstico, alguns cossoiros, pesos de tear de corpo achatado e secção subrectangular, um fragmento de lucerna (*discus*) e escassos fragmentos de *terra-sigillata* (Fig 32-XV).

O espólio funerário recolhido provém da necrópole tardo-romana e é composto por pequenos recipientes cerâmicos de função ritual e de tipologia distinta recuperados nas sepulturas 2, 12 e 13: jarro de bico trilobado, pote e taça respectivamente depositos na zona da cabeceira (Fig 31-XII).

O material lítico surge escassamente representado, englobando pequenos seixos (cuja dimensão

impossibilita a sua associação a polidores cerâmicos), algumas lascas de sílex e de quartzo, encontradas dispersas por toda a estação, e ainda uma lâmina em sílex proveniente da cabana 1 (Fig 34).

O conjunto de líticos inclui ainda dois elementos dormentes de mó manual fracturados: um tipo “sela” recuperado da cabana 1 e outro barquiforme recuperado do interior da fossa 20.

Verifica-se, também, pouca representação de vestígios que documentem a actividade metalúrgica, nomeadamente escórias de fundição de ferro e de cobre e ausência de utensílios produzidos no mesmo material. O mesmo se aplica aos utensílios em osso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do conjunto de intervenções realizadas no sítio de Monte Bolor 3, podemos, numa abordagem preliminar e carecendo ainda de um estudo sistemático e aprofundado do espólio exumado, tecer algumas breves considerações.

Os vestígios aqui identificados apontam para uma larga diacronia de ocupação do sítio (desde o Calcolítico até ao período tardo-romano) em forma de povoamento aberto, sem qualquer preocupação defensiva em que a exploração rentável dos recursos agrícolas seria provavelmente a actividade dominante.

Trata-se assim de um sítio com uma ocupação muito intensa e prolongada, testemunhada pela presença de distintos vestígios - estruturas de habitat, produção armazenamento, e de inumação dos seus habitantes - dispersos por vasta área com características, por vezes, diferenciadas. O espólio associado a estes contextos inclui sobretudo materiais cerâmicos identificados em grande número e de ampla cronologia. Os materiais não cerâmicos são escassos e de pouca diversidade, incluindo raros líticos, vidros e metais.

Verifica-se uma aparente continuidade na estratégia de ocupação e exploração do sítio apesar da ausência de vestígios que atestem a transição entre o Calcolítico Pleno e o 1º milénio a. C. Com efeito, tal como acontece por toda a região, parece assistir-se ao longo do terceiro milénio a uma redução na intensidade do povoamento (em termos de dimensão e número de povoados conhecidos) que só viria a ser superada nos finais do II milénio a.C., (Calado M, Mataloto R., Rocha A., 2007, 167).

Refira-se apenas a recuperação *in situ* de um brinco proveniente da sepultura 2 e um arco de fíbula da sepultura 9 bem como de fíbula em bronze em forma de ómega com as extremidades do aro a terminarem em “bolbos decorativos” proveniente da Fossa 47 (Fig 33).

Os instrumentos em metais ferrosos estão representados por pequeno número de pregos e cravos.

Testemunhando ainda a actividade artesanal relacionada com a confecção de vestuário regista-se um exemplar de agulha. De igual forma, também os recipientes ou outro tipo de utensílios em vidro surgem em número muito reduzido e fragmentados.

A transição do 1º milénio é também pouco esclarecida pela ausência de cerâmica de ornatos brunidos e a escassez de taças carenadas, aliás à semelhança do que sucede por todo o Sudoeste Peninsular.

Assiste-se sim a uma ocupação mais consolidada na 2ª Idade do Ferro mediante a identificação de padrões de cultura material que testemunham as influências de carácter orientalizante na região.

Já durante o período romano e tardo-romano o sítio é intensamente ocupado e explorado, o que se traduziu numa intensa perturbação dos contextos mais antigos. Tudo indica, pois, que a actividade agrícola neste período não estaria isolada de outras actividades (nomeadamente a tecelagem, confirmada pelo número elevado de pesos de tear). As actividades agrícolas seriam, no entanto, as mais favorecidas pela existência de pequenos cursos de água que permitiriam uma irrigação mais eficaz das terras, proporcionando ainda áreas para pastagem de qualidade.

Também neste contexto se podem enquadrar os drenos identificados, que para além de pertencerem a um complexo sistema de irrigação poderiam ainda servir de delimitadores de espaços, de pequenas sub-unidades rurais. Por outro lado, atendendo à enorme quantidade de silos detectados, a actividade agrícola não cobriria apenas as necessidades básicas de subsistência das populações implantadas neste núcleo, cujos excedentes seriam uma mais-valia para a economia deste assentamento.

Deste modo, o sítio de Monte Bolor 3 representa uma ocupação humana complexa, pela quantidade

e variedade de testemunhos que encerra, sendo efectivamente importante enquanto núcleo de povoamento inserido numa vasta rede de ocupação humana reconhecida no Baixo Alentejo.

Aliás não podemos esquecer a proximidade deste

sítio aos povoados de Sto. Adrião e Monte Marquês 5, com os quais poderá estar relacionado, partilhando com eles características comuns ao nível da implantação, localização e recursos.

6. AGRADECIMENTOS

Os nossos agradecimentos a toda a equipa que participou na escavação; aos colegas Samuel Melro, Manuela de Deus e Paulo Marques pelo apoio prestado durante a intervenção e também pela cedência de bibliografia; ao Paulo Marques a cedência da fotografia

que se apresenta na Fig. 26, da sua autoria. O nosso obrigado ainda aos arqueólogos responsáveis pelo acompanhamento arqueológico da obra, Mário Pinto e Vânia Pirata e ainda à Ana Sofia Antunes pelo auxílio prestado na análise preliminar de algum do espólio.

7. BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1985), Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve: a propósito de uma obra de José d' Encarnação. *Arqueologia*, Porto, 99-111.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001), A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 4.número 2, 207-291
- BARKER, P. (1982), *Techniques of Archaeological Excavation*, 2nd ed. London: Batsford
- BEIRÃO, C. de M.; CORREIA, V. H. (1991) - A cronologia do povoado de Fernão Vaz. *Conimbriga*. Coimbra. 30, 5-11.
- BEIRÃO, C. de M.; CORREIA, V. H. (1994) - Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José María Blázquez*. Madrid: Ed. Clásicas, 285-302
- BUGALHÃO, Jacinta (1988), O povoamento rural romano no Alentejo: contribuição da arqueologia preventiva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 1, nº 2. BLASCO BOSQUED, M.C.(1980), Reflexiones sobre la cerámica pintada del bronce final y primera edad del hierro, en la Península Ibérica, *Cuadernos de prehistoria y arqueologia*, nº 7-8, 75-92
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui; ROCHA, Artur (2007) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRIGUEZ DIAZ, Alonso; PAVON SOLDEVILA, Ignacio, eds. - *Arqueología de la tierra: paisajes rurales de la Protohistoria peninsular*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 129-179.
- CALADO, M.; BARRADAS, M.; MATALOTO, R (1999) - Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães*— volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia. Guimarães. Vol. I, 363-386.
- CANHA, Alexandre (2005), EIA- Troços de Ligação Barragem de Pisões/Barragem do Roxo e Barragem de Pisões/Albufeira de Cinco Reis
- CORREIA, V.H. (1988), A Estação da Idade do Ferro do Porto das Lajes (Ourique, Beja), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Nova série, Vol. IX-X, Lisboa, 81-91
- FARIA, António Marques de; SOARES, António M. Monge (1998), Uma inscrição em caracteres do Sudoeste proveniente da Folha do Ranjão (baleizão, Beja), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 1, nº 1, 153-160
- LOPES, Maria Conceição (2003), A cidade romana de Beja: percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia, *Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da universidade de Coimbra*
- MATA, D.R (1884-1985), Puntualizaciones sobre la cerámica pintada tartésica del bronce final: estilo carambolo o Guadalquivir 1, *Cuadernos de prehistoria y arqueologia*, nº 11-12, 225-243
- MATALOTO, Rui (2005), Meio Mundo 2: a fortificação calcolítica do Alto de São Gens (Redondo/Estremoz, Alentejo Central), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 8, nº 1, 5-19
- PARREIRA, Rui (1983), O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa)- Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980, in *O Arqueólogo Português*, série IV, volume I, 149-168

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

PINTO, Maria Inês Correia de Barros Vaz (2006), A cerâmica comum bética de São Cucufate: uma revisão, Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 9, número 1, 167-184

PINTO, Maria Inês Correia de Barros Vaz (1999), A cerâmica comum de São Cucufate. Tese de Doutoramento na área de Pré-história e Arqueologia apresentada no Departamento de História da Universidade Lusíada, Lisboa

REDONDO, J. F. MURILLO (1989), Cerámicas tartésicas com decoratcion orientalizante, CuPAUAM. Universidad de Cordoba, 16, 149-167

SANTOS, Filipe J.C.; SOARES, António M. Monge; DEUS, Manuela de; QUEIROZ, Paula F.; VALÉRIO, Pedro; RODRIGUES, Zélia; ANTUNES, Ana Sofia; ARAÚJO, Maria de Fátima (2009), A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente, com fosso e fossas, na Encosta do Albardão (S. Manços, Évora) Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 12, número 1, 53-71

SOARES, António M. Monge (2005), Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos, Revista Portuguesa de Arqueologia. volume 8. número 1. 111-145

VALERA, Antonio Carlos; FILIPE, Iola (2004), O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). Era Arqueologia. Lisboa. 6, 28-61.

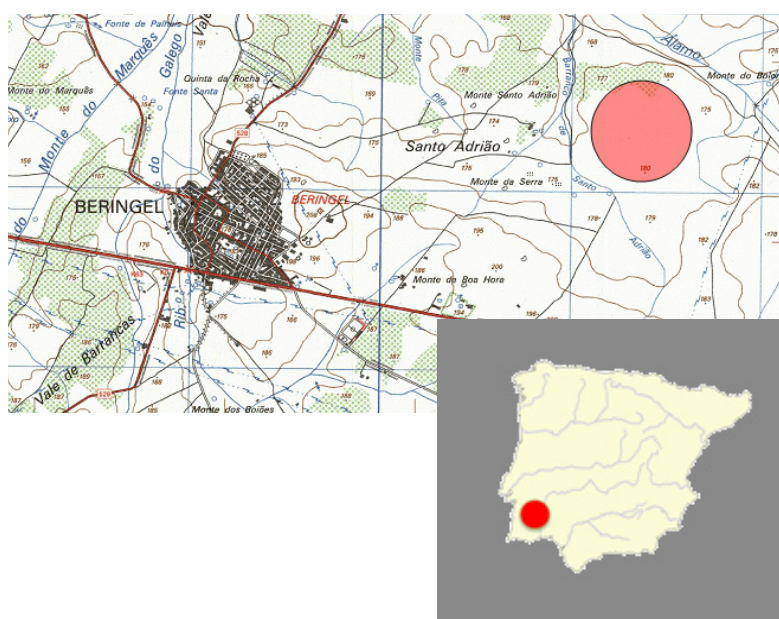


Fig. 1 Localização do sítio na CMP-1:25 000 – 509



Fig. 2 Localização das diferentes fases de intervenção



Fig. 3 Perspectiva da área intervencionada durante a 2ª Fase



Fig. 4 Trabalhos de definição de alguns dos contextos identificados na área de implantação do adutor



Fig. 5 Piso em argila



Fig. 6 Pavimento de tijoleira



Fig. 7 Estruturas identificadas do lado NE da área intervencionada



Fig. 8 Fossa tipo silo preenchida por avultados elementos pétreos



Fig. 9 Dollia no interior de fossa



Fig. 10 Inumação em contexto de fossa



Fig. 11 Fossa de perfil cónico e muito profunda (poço?).



Fig. 12 Sepultura de inumação



Fig. 13 Enterramento 1, Individuo 2

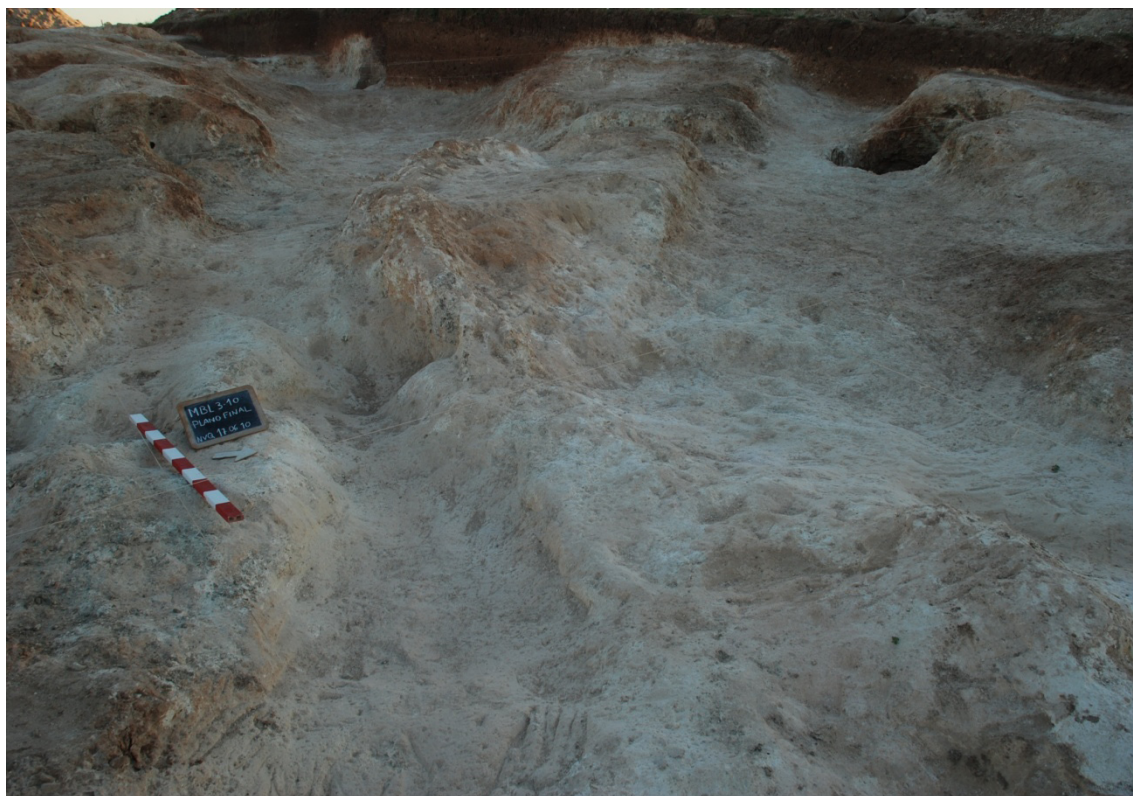


Fig. 14 Valados (Fossos) de planta irregular e pouco profundos



Fig. 15 Forno identificado



Fig. 16 Elementos refractários na base do forno



Fig. 17 Cabana 1



Fig. 18 Cabana 2



Fig. 19 Fossa 8



Fig. 20 Sepultura com ossário



Fig. 21 Sepultura com deposição ritual junto à cabeceira



Fig. 22 Valado (drenos)s longos e estreitos



Fig. 23 Valados (drenos) estruturados



Fig. 24 Fossa 55

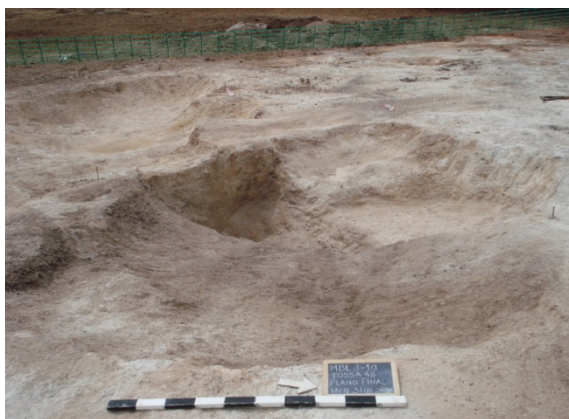


Fig. 25 Fossa 57



Fig. 26 Estruturas sub-rectangulares: perspectiva geral



Fig. 27 Estruturas sub-rectangulares, em secção



I



II

Fig. 28 Algumas das formas cerâmicas identificadas: Calcolítico Médio;
I-prato de bordo almendrado; II-taça de bordo espessado



IV



V



VI



VII

Fig. 29 Cerâmica do Bronze Final do Sudoeste: IV- pote com decoração mamilada; V- vaso carenado: VI e VII- fragmentos de cerâmica pintada estilo Carambolo ou Guadalquivir 1



VIII



IX



X



XI

Fig. 30 Cer. da II Idade do Ferro: VIII-copo decorado; IX- frag. com pintura tipo ibérica: IX e X- frag decorados



XII



XIII

Fig. 31 Cerâmica tardo-romana: XII- jarrinho de bico trilobado; XIII- pote de bordo esvasado e fundo plano



XIV



XV



XVI



XVII

Fig. 32 Cerâmica de carácter industrial: XIV- crescente de barro, de secção transversal sub-rectangular com orifício numa das extremidades; XV- peso de tear de forma rectangular com orifício de suspensão; XVI- cossoiros cónico e bicónico; XVII- cossoiro troncocónico

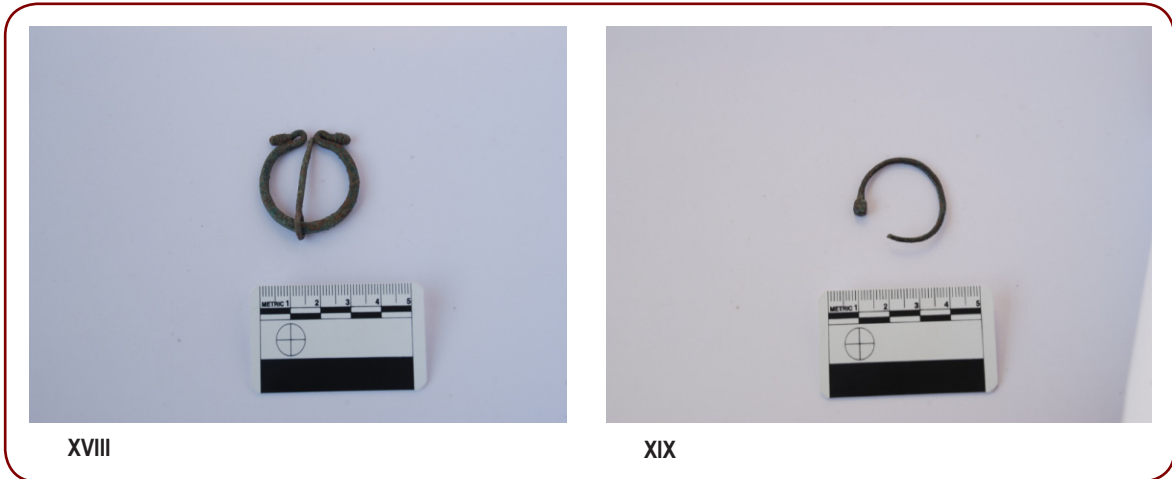


Fig. 33 Objectos em bronze: XVIII- fibula em forma de ómega com as extremidades do aro a terminarem em “bolbos decorativos”;
XIX- brinco